

FISIOTERAPIA PÉLVICA NA SAÚDE DA MULHER (10ª EDIÇÃO): PARCERIA COM O AMBULATÓRIO DE UROGINECOLOGIA HCPA

Coordenador: Luciana Laureano Paiva

Introdução: O Ambulatório de Fisioterapia Pélvica é um projeto de extensão do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com a equipe médica de Uroginecologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) que, desde 2021, desenvolve suas atividades de forma presencial e por teleatendimento. **Objetivo:** Promover atendimento na área da Fisioterapia Pélvica voltada a mulheres com queixa de Incontinência Urinária (IU), usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS). Concomitante a isso, promover para as bolsistas do projeto um espaço de aprendizagem e ganho de experiência, além de um local propício para produções científicas. **Métodos:** As pacientes consultam, inicialmente, com a equipe de Uroginecologia do Ambulatório do HCPA e, se indicadas para o tratamento conservador de IU, são encaminhadas para o atendimento da Fisioterapia Pélvica, realizado pelas alunas bolsistas de graduação em conjunto com as mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Ginecologia e Obstetrícia da UFRGS. Posteriormente, são avaliadas individualmente utilizando anamnese e questionários validados, sendo o International Consultation on Incontinence Questionnaire Short Form (ICIQ-SF) usado para mensurar a severidade da IU e, ao final, utilizado um questionário de satisfação durante a reavaliação. O protocolo de tratamento engloba exercícios de respiração, mobilidade pélvica, alongamento e treinamento para os músculos do assoalho pélvico, além de orientações sobre hábitos urinários, evacuatórios, sexualidade feminina e educação em saúde sobre a IU. São enviados nos grupos de WhatsApp os protocolos escritos e vídeos explicativos. **Resultados:** Desde 2021, 64 pacientes foram atendidas pela equipe de Fisioterapia Pélvica. Mulheres com média de 58 anos e com prevalência de IU mista como queixa foi o padrão mais presente. No questionário de satisfação, 64,29% ficaram totalmente satisfeitas, 21,42% ficaram muito satisfeitas e 78,57% recomendariam fortemente o teleatendimento. Segundo a percepção de melhora, 9,52% melhoraram completamente, 23,80% melhoraram bastante e 33,33% melhoraram parcialmente. Quanto à severidade de IU, foi observada redução de 2 pontos no escore do ICIQ-SF, demonstrando sintomas mais brandos. **Conclusão:** Os resultados adquiridos denotam que o teleatendimento é uma prática capaz de promover um tratamento eficaz, que contribui com a melhora na qualidade de vida de mulheres com queixa de IU. Além disso, os pilares de extensão e ensino promovidos pela universidade e aplicados neste

projeto de extensão proporcionaram um ambiente de compartilhamento de vivências e conhecimentos entre as alunas bolsistas, mestrandas e professora. Destaca-se, portanto, a importância do trabalho desenvolvido no Ambulatório, o qual mostrou-se benéfico tanto para as pacientes assistidas quanto para o aprendizado da equipe envolvida.